



**O GÊNERO DO DISCURSO FOLHETOS PARA AGRICULTORES
FAMILIARES: ACESSIBILIDADE TEXTUAL COMO RELAÇÃO DIALÓGICA¹**
The speech genre *Leaflets for family farmers*: textual accessibility as a dialogical
relation

GISELLE LIANA FETTER²

RESUMO: Baseado nos pressupostos de Bakhtin, este trabalho apresenta reflexões sobre Acessibilidade Textual como prática dialógica para construção do conhecimento. Entende-se como Acessibilidade Textual a adequação de textos escritos em linguagem apropriada às competências dos leitores-alvo. A partir da análise do gênero de divulgação científica *Folhetos para agricultores familiares* – textos divulgativos de agropecuária –, objetiva-se demonstrar a interação entre divulgador e leitor e sua relevância para concepção de textos acessíveis, especialmente leitores de escolaridade limitada. Observou-se que há contextos sociais distintos implicados na produção desses textos. Assim, propõe-se que a adequação dos folhetos para linguagem acessível deve considerar o agricultor familiar.

PALAVRAS-CHAVE: Gêneros do discurso. Dialogismo. Acessibilidade textual.

ABSTRACT: Based on Bakhtin's assumptions, this paper presents reflections about Textual Accessibility as a dialogical activity for the construction of knowledge. Textual Accessibility is understood as the suitability of written texts in an adequate language according to readers' competences. From the analysis of the genre of scientific divulgation *Leaflets for family farmers* – divulgative texts about agriculture –, it is intended to demonstrate the interaction between the science writer and the reader and its relevance for the conception of accessible texts, especially for readers of limited schooling. It has been observed that there are different social contexts implicated in the production of these texts. Therefore, it is proposed that the leaflets' adequacy to an accessible language needs to consider the family farmer.

KEYWORDS: Speech genres. Dialogism. Textual Accessibility.

FETTER, G. L. O gênero do discurso *Folhetos para agricultores familiares*: acessibilidade textual como relação dialógica. In. **Revista Diálogos**, v. 7, n. 3, out.-dez., 2019.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

² Doutoranda em Linguística da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e Bolsista da CAPES.





INTRODUÇÃO

Os gêneros de divulgação científica correspondem a textos em linguagem não especializada que buscam fornecer as descobertas da ciência de maneira acessível para um grande número de pessoas. Tais textos devem evitar o uso de linguagem estritamente científica, ou seja, evitar o uso de tecnicismos específicos do campo de estudos do qual o texto provém.

Bakhtin (2016), em seu escrito *O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas: um experimento de análise filosófica*, afirma que qualquer sistema de signos pode ser traduzido para outros signos, inclusive, sistemas já convencionados. Essa ideia de tradução para outros signos trazida pelo autor assemelha-se à proposta da Análise do Discurso da Divulgação Científica (ADDC³), porém, nessa abordagem, os pesquisadores denominam esse processo de *recontextualização*, como veremos na fundamentação teórica deste trabalho. Conforme essa abordagem, baseada, entre outros, nos pressupostos de Bakhtin⁴, os textos de divulgação científica tratam da transmissão de conhecimentos da ciência em uma linguagem simplificada para um público variado com pouca exposição à linguagem científica (CASSANY; MARTÍ, 1998), permitindo a compreensão desses textos. Para Bakhtin (2016), a compreensão é o ponto de partida para qualquer estudo que envolva um sistema de signos.

Oferecer textos adequados aos agricultores familiares é o principal objetivo de nossos estudos sobre acessibilidade textual (FETTER, 2017; 2018), pois entendemos que a informação deve estar ao alcance de todos. A Acessibilidade Textual, como concebemos em nossas pesquisas, trata da adequação de textos escritos em uma linguagem apropriada às competências de seus leitores-alvo. Em outras palavras, textos em uma linguagem acessível são aqueles em que o léxico, as estruturas oracionais e a estrutura composicional (padrões de organização e distribuição do texto) condizem com o leitor ao qual se dirigem. No caso dos gêneros de divulgação científica, os estudos em Acessibilidade Textual colaboram

³ Para fins de didatizarmos esse modelo teórico, denominaremos doravante, neste trabalho, a Análise do Discurso da Divulgação Científica de *ADDC*.

⁴ O escrito de Bakhtin utilizado como base para a *ADDC* foi *El problema de los géneros discursivos*, da obra *Estética de la creación verbal* publicada em 1979.





com a propagação de descobertas científicas, favorecendo a compreensão de textos, especialmente, por leitores com baixa escolaridade.

Os folhetos para agricultores familiares têm por objetivo divulgar informações referentes a técnicas agropecuárias que colaborem com o trabalho no campo, bem como que promovam a sustentabilidade e a segurança alimentar. Esses folhetos são produzidos pela Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural (doravante denominada EMATER/RS). Cabe ressaltar que a motivação da autora em estudar esses folhetos parte de sua experiência de oito anos como empregada dessa instituição.

Para o presente trabalho, partimos dos resultados alcançados em pesquisa anterior sobre os folhetos para agricultores familiares (FETTER, 2017), em que observamos o alto índice de terminologia e de estruturas oracionais complexas para leitores de escolaridade limitada, e propomos, neste artigo, uma discussão acerca desses folhetos como texto de divulgação científica, conforme apontado pela ADDC, e como gênero de discurso dialógico com base na perspectiva de Bakhtin sobre gênero do discurso em que interagem o agricultor familiar – leitor-alvo dos folhetos – e o extensionista rural – divulgador⁵.

Este trabalho se divide, além desta Introdução, em três seções. A segunda seção, a seguir, corresponde à fundamentação teórica, em que discorreremos sobre as concepções de Bakhtin a respeito de gêneros do discurso e suas relações dialógicas, como também sobre os pressupostos da ADDC sobre os gêneros de divulgação científica. Na terceira seção, apresentaremos o gênero *Folhetos para agricultores familiares* e traremos reflexões acerca da acessibilidade textual como relação dialógica. Por fim, na última seção, apresentaremos algumas considerações a respeito do gênero em questão e do desenvolvimento desta pesquisa.

⁵ Utilizaremos esse termo em referência a linguistas, jornalistas, publicitários e profissionais em geral que lidam diretamente com a produção e escrita de gêneros de divulgação científica.





1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os pressupostos teóricos discutidos, nesta seção, partem dos estudos do teórico russo Mikhail Bakhtin sobre a concepção de gêneros do discurso e a relação dialógica neles presente. Além disso, apresentamos também a ADDC que, como mencionamos na Introdução, tem por base as perspectivas de Bakhtin, e que compreende os gêneros de divulgação científica como um processo de interação entre leitores e divulgadores.

2.1. Gêneros do discurso

Iniciamos essa fundamentação teórica com o conceito de gênero do discurso trazido por Bakhtin (1997, p. 279): “Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso”. Segundo o autor, os gêneros do discurso possuem uma ilimitada variedade, que se justifica pela também vasta variedade de atividades humanas vinculadas à utilização da língua. A partir dessa concepção, podemos compreender que a utilização da língua se dá por meio de enunciados e está condicionada aos domínios da atividade humana. Para o autor, os enunciados são “a unidade real da comunicação verbal” (BAKHTIN, 1997, p. 293), ou seja, através dos enunciados, podemos observar as especificações de cada um dos domínios que circundam a sociedade como um todo. O enunciado, aponta Bakhtin (1997), é de caráter individual, pois representa o estilo daquele que escreve/fala. Já os gêneros do discurso não podem ser vistos, em sua totalidade, como um estilo individual, pois muitos são produtos de uma relação formal que não viabiliza o aspecto individual do enunciado.

Bakhtin (1997) classifica os gêneros do discurso de duas maneiras: gêneros primários e gêneros secundários. Os gêneros primários são classificados como simples, segundo o autor, são gêneros presentes na vida cotidiana: “linguagem das reuniões sociais, dos círculos, linguagem familiar, cotidiana, linguagem sociopolítica, filosófica, etc.” (BAKHTIN, 1997, p. 285). Os gêneros





secundários são aqueles oriundos dos gêneros primários, tanto de forma oral quanto escrita. Nas palavras do autor, os gêneros secundários “absorvem e transmutam os gêneros primários”: “[...] o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico, etc.” (BAKHTIN, 1997, p. 281). Os folhetos para agricultores, enquadrados como gênero de divulgação científica, são gêneros secundários, pois originam-se de outros gêneros, como por exemplo, trabalhos científicos, atendimento à propriedade rural, reuniões de equipe, etc.

Para o estudo de gêneros, Bakhtin (1997) propõe três elementos a serem observados: conteúdo temático, estilo e construção composicional. O conteúdo temático se refere à finalidade de dado gênero em sua esfera discursiva. O estilo corresponde aos recursos linguísticos, como o léxico e as estruturas oracionais. Por último, a construção composicional está relacionada à forma padrão.

Entre as noções apresentadas por Bakhtin (1997; 2016) sobre o estudo de gêneros do discurso, há sua proposta de dialogismo. Conforme Barros (2007), a concepção de dialogismo perpassa todas as obras do teórico russo. Especialmente nas ciências humanas, “o objeto e o método são dialógicos” (BARROS, 2007, p. 23). Dessa forma, quando estudamos textos, não o fazemos como um objeto isolado, mas em relação ao contexto social, histórico e cultural, tanto pelo diálogo entre os interlocutores quanto pelo diálogo entre os textos (BARROS, 2007). Bakhtin (1997) salienta que um texto só existe em correspondência com outros textos, isto é, com o contexto.

Devemos mencionar que Bakhtin, ao longo de suas obras, traz reflexões acerca dos estudos linguísticos que o precederam, principalmente em relação a Ferdinand de Saussure. Para Bakhtin (1997), esses estudos veem os indivíduos envolvidos no discurso como representantes de processos ativos e passivos, em que um é o sujeito que fala, e o outro é o que escuta. Entretanto, para o autor, o sujeito ouvinte não está em uma posição de passividade, e sim em “uma atitude responsiva ativa” (BAKHTIN, 1997, p. 290), mesmo que essa resposta ocorra após algum tempo, como é o caso dos discursos escritos.

Essa perspectiva a respeito do discurso, permite-nos compreender a relação entre locutor e interlocutor. Segundo Volóchinov (2017), para que a interação ocorra, são necessários dois sujeitos organizados socialmente. Assim,





há o locutor – responsável pela enunciação – e o interlocutor – para quem a palavra é dirigida. Como explica Sobral (2010), o texto origina sentidos que se concretizam apenas pela interação entre os sujeitos. A partir dessa relação, a compreensão responsiva ativa remete a atitude responsiva ativa citada por Bakhtin (1997), em que o interlocutor responde de acordo com sua compreensão, como podemos observar na citação a seguir:

Todo enunciado [...] comporta um começo absoluto e um fim absoluto: antes de seu início, há os enunciados dos outros, depois de seu fim, há os enunciados-respostas dos outros [...]. O locutor termina seu enunciado para passar a palavra ao outro ou para dar lugar à compreensão responsiva ativa do outro (BAKHTIN, 1997, p. 294).

Bakhtin (1997) apresenta três fatores relacionados ao enunciado: o tratamento exaustivo do objeto do sentido (tema); o intuito; e as formas típicas de estruturação do gênero do acabamento. O tratamento exaustivo está relacionado à abordagem e à delimitação do assunto, isto é, o quão padronizado pode ser o discurso. Porém, há também os gêneros em que o tratamento exaustivo é relativo, que permitem o uso da criatividade de seu locutor. A intenção do locutor – o intuito –, por sua vez, está subordinado ao tratamento exaustivo, visto que os gêneros do discurso possuem características estruturadas que delimitam o *querer-dizer* do locutor. Por último, há as formas típicas de estruturação, que estão relacionadas à escolha de um gênero, “determinada em função da especificidade de uma dada esfera da comunicação verbal, das necessidades de uma temática (do objeto do sentido), do conjunto constituído dos parceiros, etc.” (BAKHTIN, 1997, p. 301).

Conforme Bakhtin (1997), nosso discurso organiza-se em função dos gêneros, mas também da palavra do outro. Por conseguinte, podemos delimitar o tema, nossas intenções, a estrutura de nossas enunciações, todos esses aspectos em uma relação dialógica. Como demonstra Sobral (2010, p. 11, grifo do autor):

O texto é um conjunto de potenciais de sentidos, realizados apenas na instauração do discurso; o discurso vem de alguém e





dirige-se a alguém [...], ao mesmo tempo em que remete a uma compreensão responsiva ativa da parte do seu interlocutor típico – nos termos do gênero no qual se insere.

Partindo dessas breves concepções a respeito de gêneros do discurso propostas por Bakhtin, há a questão do domínio da língua trazida pelo autor. Como demonstraremos na seção *A relação dialógica e a acessibilidade textual dos folhetos para agricultores familiares*, verificamos que os extensionistas rurais dominam a linguagem científica, mas desconhecem a linguagem dos gêneros de divulgação científica. Segundo Bakhtin (1997), muitas pessoas dominam sua língua, porém, desconhecem as formas de um gênero. Mesmo dentro de sua esfera comunicativa, essas pessoas não possuem facilidade para saber o “momento certo, de começar e terminar no tempo correto” (BAKHTIN, 1997, p. 304). Através do domínio dos gêneros, é que Bakhtin defende a capacidade de sabermos refletir sobre nosso discurso.

2.2. Análise do Discurso da Divulgação Científica

A abordagem discursiva, conforme aponta Calsamiglia (2008), contribui para a compreensão dos processos de produção dos textos de divulgação científica, pois, a partir dela, podemos estudar os diversos elementos que estão envolvidos em um texto, especialmente em relação aos participantes desses processos. Assim, ao trazer essa abordagem, a autora explica que podemos observar, na divulgação científica, uma interação comunicativa entre o discurso científico e a divulgação da ciência para o público geral.

O discurso científico é caracterizado, principalmente, pela presença de terminologia especializada e pelo uso de padrões linguísticos – estruturas oracionais – próprios da linguagem da ciência. Essa linguagem circula através de gêneros de discurso determinados pelas instituições de pesquisa – artigos, teses, comunicações orais – para a disseminação do conhecimento. Por apresentar tais características, o discurso científico pode ser considerado complexo para pessoas que não pertencem a instituições de pesquisa e que, além disso, possuem escolaridade limitada. Por essa razão, Calsamiglia (2008) afirma que os





divulgadores devem compreender as especificidades do discurso científico e conhecer o público-alvo desses gêneros para que seja possível construir uma linguagem mais acessível.

A ADDC, a partir de uma perspectiva mais pragmática e discursiva, propõe denominar o processo de simplificação de textos de linguagem científica de (CALSAMIGLIA; CASSANY, 1999) textos de linguagem científica de *recontextualização*. O modelo de recontextualização faz parte do projeto *Análise do discurso da divulgação científica* sob coordenação de Helena Calsamiglia da Universidade Pompeu Fabra, na Espanha. O modelo propõe que a linguagem dos textos científicos, que possui um alto nível técnico e formal, seja uma reconstrução para uma linguagem mais familiar ao público em geral, em outras palavras, em uma linguagem que considere seu interlocutor.

Os gêneros de divulgação científica são reconhecidos como um espaço em que se encontram “especialistas e não especialistas”; é um espaço “interativo” (CALSAMIGLIA, 2008, p. 75). Nesse processo social, conforme explica Calsamiglia e Van Dijk (2004), estão envolvidos diversos participantes – pesquisadores, jornalistas, público em geral, etc. –, e seus propósitos, bem como a importância da propagação de pesquisas para toda a sociedade.

Os divulgadores participam, segundo Calsamiglia e Van Dijk (2004), ativamente na recontextualização, pois, além de adaptar a linguagem científica para uma linguagem comum ao público, eles também podem suprimir ou incluir informações que julguem serem apropriadas a cada gênero. Podemos encontrar, a respeito dessa última questão, muitas críticas que partem das instituições científicas sobre os gêneros de divulgação científica serem uma “deformação” do discurso da ciência (CHARAUDEAU, 2016, p. 544). Contudo, a recontextualização que propomos dos folhetos para agricultores familiares trata da interação entre todos os agentes envolvidos no processo de produção desses materiais, evitando, assim, desprestigiar o trabalho dos extensionistas rurais.

Para a recontextualização, o modelo em foco estabelece estratégias divulgativas, que se tratam de recursos para tornar o texto de divulgação científica mais acessível a seu público. Segundo Cassany e Martí (1998), as estratégias correspondem à escolha de léxico, à organização de informações e ao tratamento





tipográfico, porém, cabe ao divulgador decidir sobre a aplicação dessas estratégias. Os autores ressaltam que essas estratégias são específicas da divulgação científica, que busca empregar recursos linguísticos comuns ao cotidiano do público em geral, de forma que o conteúdo científico seja compreendido nos mais variados contextos sociais. Dessa forma, de acordo com o modelo, a divulgação científica não é representada como uma hierarquia, em que os cientistas estariam no topo e o público na base, ela é concebida como um “circuito de saber” (CALSAMIGLIA; CASSANY, 1999, p. 175). Em outras palavras, os gêneros de divulgação científica interagem com o interlocutor e seu contexto, além de provocar a capacidade crítica dos indivíduos em relação às descobertas da ciência.

Nos gêneros de divulgação científica, segundo Calsamiglia e Cassany (1999), há um intercâmbio comunicativo, ou seja, uma interação. O divulgador se encarrega de difundir conhecimentos do *discurso primário* – conhecimento científico – para o *discurso secundário* – a divulgação. Assim como nas concepções de Bakhtin (1997) sobre gênero do discurso, Calsamiglia e Cassany (1999, p. 175) estabelecem que o divulgador, em seu domínio de gênero de divulgação científica, deve saber encontrar “o ponto de equilíbrio” de maneira que o texto esteja adequado a esse gênero. Como descrevemos anteriormente sobre os folhetos para agricultores familiares, os gêneros de divulgação científica não estão desvinculados dos indivíduos ou de seus interesses, “pelo contrário, [são] o resultado da negociação entre seus interlocutores” (CASSANY; LÓPEZ; MARTÍ, 2000, p. 3).

A partir dessa perspectiva defendida pela ADDC, de que devemos considerar o interlocutor para produção dos gêneros de divulgação científica, e dos estudos de Bakhtin (1997; 2016) acerca dos gêneros do discurso, apresentamos, a seguir, o gênero do discurso *Folhetos para agricultores familiares*.

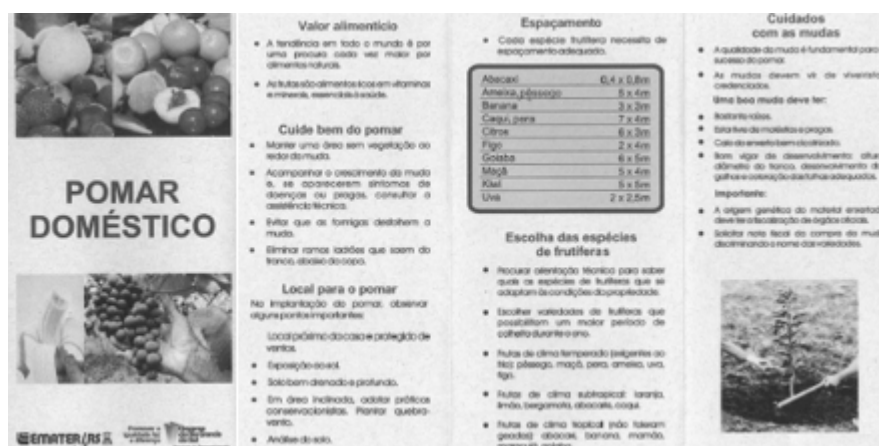




3. A RELAÇÃO DIALÓGICA E A ACESSIBILIDADE TEXTUAL DOS FOLHETOS PARA AGRICULTORES FAMILIARES

A EMATER/RS é uma instituição de referência para a extensão rural do Rio Grande do Sul. Ela atua pelo Estado do Rio Grande do Sul em 493 municípios, através de seus escritórios municipais, doze escritórios regionais e o escritório central na capital de Porto Alegre. Utilizamos uma amostra de 30 folhetos produzidos entre os anos de 2011 e 2015. Abaixo, apresentamos, na Figura, um exemplo de folheto da amostra.

Figura 1 – Folheto *Pomar Doméstico*



Fonte: EMATER-RS/ASCAR, 2014.

Os gêneros de divulgação científica, como os folhetos para agricultores familiares, buscam propagar o conhecimento em uma linguagem acessível e, portanto, afastam-se do discurso científico e aproximam-se de seu interlocutor. A EMATER/RS presta serviços de extensão rural a milhares de famílias rurais, o que exige demasiado tempo e dedicação dos extensionistas. Por essa razão, os folhetos são um meio de se aproximar dos agricultores familiares, de maneira que o trabalho desses extensionistas seja complementado pelos folhetos. Contudo, observamos que os enunciados remetem ao discurso científico, tanto em relação à terminologia empregada quanto às estruturas oracionais.

Tendo em vista os estudos sobre gêneros do discurso de Bakhtin (1997; 2016) e, mais especificamente, da noção de compreensão responsiva ativa, podemos observar que, nos folhetos para agricultores familiares, uma vez que





eles são considerados complexos para seus leitores – como demonstramos em pesquisas anteriores (FETTER, 2017; 2018) –, não há, em tese, sua completa compreensão. Conseqüentemente, eles deixam de ser efetivos e de cumprir seu objetivo: divulgar técnicas e práticas agropecuárias. Assim, considerando ainda que os folhetos se caracterizam como um dos meios de propagar os serviços de extensão rural, ou seja, como um meio de comunicação com os agricultores familiares, se a compreensão responsiva ativa, mesmo em sua ação retardada, não ocorre, vemos que não há uma recontextualização adequada aos leitores.

Segundo Bakhtin (2016, p. 74), “cada texto pressupõe um sistema universalmente aceito de signos, uma linguagem”. Esse sistema diz respeito ao que é convencional em um certo grupo. Os extensionistas rurais fazem uso de uma linguagem que é comum a eles – a linguagem científica – advinda de sua formação acadêmica e propagada nas instituições em que trabalham. Os agricultores familiares, por sua vez, fazem uso de uma linguagem própria de seu meio, que não é acadêmico *per se*, já que não se trata de um campo propriamente científico como estabelecido em nossa sociedade, mas que advém de conhecimentos adquiridos na prática diária de suas atividades na zona rural e consagrado ao longo do tempo. Os folhetos destinados aos agricultores familiares, como observamos, possuem uma linguagem que não é adequada a esse interlocutor, ou seja, esses materiais não contemplam a prerrogativa de Bakhtin (2016, p. 74) a respeito do “sistema universalmente aceito”, visto que a linguagem utilizada é considerada complexa para esse grupo de leitores. Assim, o que vemos nos folhetos é a representação do discurso científico, que circunda a vivência dos extensionistas rurais.

Conforme Calsamiglia (2008), há diferenças entre a maneira como cientistas e público percebem os gêneros de divulgação científica. Os cientistas preocupam-se com o objeto de estudo, enquanto o público prefere saber sobre as aplicações, sobre os resultados. Por isso, há certa preocupação, por parte dos cientistas, de que os gêneros de divulgação científica apresentem informações imprecisas. Essa preocupação também ocorre na EMATER/RS, delegando-se a elaboração dos folhetos apenas aos extensionistas rurais. Na instituição, trabalham também jornalistas e uma revisora de textos, que concentram seus





trabalhos, respectivamente, na produção de notícias para televisão, rádio e jornais, e na revisão gramatical e ortográfica dos materiais produzidos. Vemos que não há conscientização, por parte dos extensionistas rurais, em considerar o conhecimento linguístico de outros profissionais que poderiam colaborar para a produção dos folhetos. Podemos observar, nesse caso, a tendência apresentada por Bakhtin (2016) de que os gêneros científicos tendem a ser monológicos.

Quando trazemos a afirmação, apresentada por Bakhtin (2016), de que há uma tendência de os gêneros científicos serem monológicos, queremos destacar o uso da palavra “tendência”, ou seja, essa característica não se estende, necessariamente, a todos os textos científicos. Contudo, no caso dos folhetos para agricultores familiares, percebemos que o discurso que predomina é o do extensionista rural, que não percebe a influência do agricultor familiar na produção daquele discurso. Dessa forma, como afirma Bakhtin (2016, p. 92), o discurso monológico é visto como um discurso “que não se dirige a ninguém e não pressupõe resposta”.

Ao ponderarmos sobre a afirmação de Bakhtin (2016) a respeito da influência do ouvinte e de seu discurso nos gêneros, podemos afirmar que não há, nos folhetos, a incorporação direta do discurso e dos saberes do agricultor familiar, pois o discurso que pondera é científico e menos acessível para esse leitor. Esse estilo está padronizado na EMATER/RS, propagando uma linguagem inadequada a seus leitores. O que observamos é a falta de domínio desse gênero. Como explica Bakhtin (1997), ao dominarmos uma linguagem, um gênero, é que somos capazes de refletir sobre nosso discurso. A percepção que temos é de que os extensionistas rurais dominam o discurso científico, com o qual estão habituados, mas não dominam o discurso dos agricultores familiares e, conseqüentemente, elaboram os folhetos com linguagem complexa a esse público.

Essa complexidade pode estar relacionada ao fato de os folhetos para agricultores familiares serem produzidos com base em um padrão de formatação que os caracteriza. Essa formatação dos folhetos corresponde tanto aos padrões gráficos quanto às escolhas e aos recursos textuais empregados pelos divulgadores. Observamos que essa padronização é aplicada a todos os folhetos





da amostra, o que nos leva a supor que a instituição implementa aos extensionistas rurais um padrão de folheto a ser seguido. Esse aspecto nos demonstra que o tratamento exaustivo é delimitado, proporcionando pouca criatividade ao extensionista rural. Apesar de o tratamento exaustivo dos folhetos estar delimitado por uma padronização, percebemos que o intuito do extensionista rural não está condicionado a essa padronização, mas à sua falta de habilidade em recontextualizar o discurso científico.

Conforme a ADDC, dentre as estratégias divulgativas para elaboração de gêneros de divulgação científica estão as escolhas que podem ser feitas em relação ao léxico e às estruturas oracionais. Da mesma forma, Bakhtin (1997) trata das escolhas de determinados tipos de orações com base nas intenções do autor e no gênero ao qual está vinculado. Assim, os extensionistas rurais, por não dominarem o gênero de acordo com o discurso dos agricultores familiares, fazem escolhas linguísticas que não são adequadas à função do folheto.

Dentre alguns indicativos sobre as escolhas dos extensionistas rurais que podemos citar, baseados em pesquisa anterior (FETTER, 2017), estão as orações imperativas. Esse tipo de oração teve um alto índice de ocorrência na amostra. No caso dos folhetos, que possuem um enfoque informativo, o uso de orações imperativas demonstra que os extensionistas rurais utilizam uma linguagem mais voltada para comandos do que para recomendações. Esse é outro fator sobre as orações imperativas que denota complexidade (LASSEN, 2013). Ao se deparar com esse tipo de oração, o leitor, em tese, não possuiria convicção de como reagir àquela estrutura, ou seja, não saberia determinar se ela corresponderia a um comando ou a um conselho. De um modo geral, observamos que os folhetos impõem as técnicas apresentadas ao agricultor familiar, de certa maneira, persuadindo-o. Nesse ponto, percebemos o caráter dominante do discurso científico dos folhetos, em que as orações imperativas correspondem a comandos, que posicionam o agricultor em uma relação hierarquizada.

Nos folhetos da amostra, também verificamos a ausência de sequência narrativa. Segundo a ADDC, as sequências narrativas são estratégias linguísticas que servem para explicar sobre um conhecimento científico com escolhas típicas dos gêneros narrativos, que geralmente fazem parte do cotidiano dos leitores e





atraem para a leitura. Identificamos, no folheto exemplificado, a presença da sequência: “A tendência em todo o mundo é por uma procura cada vez maior por alimentos naturais” (EMATER/RS, 2014). Nessa sentença, a afirmação de que há uma “tendência em todo o mundo” chama a atenção do leitor para as informações que virão em seguida.

Podemos verificar, a partir do folheto da Figura 1, alguns aspectos em relação ao assunto nele tratado. Vários folhetos abordam temas de grande amplitude dentre as técnicas e práticas agropecuárias. O folheto *Pomar Doméstico*, por exemplo, traz informações tanto nutricionais quanto sobre o cultivo de frutas. Ao considerarmos a variedade de frutas que podem ser cultivadas e as escolhas de questões abordadas a respeito, verificamos que as informações são demasiadamente sucintas. Se pensarmos no agricultor familiar como trabalhador rural que se dedica a qualquer cultivo ou produção de maneira ampla e aprofundada, percebemos que um folheto com essa variedade de informações pode tornar-se menos efetivo na explicação de técnicas que colaborem com o trabalho no campo, pois não focaliza em um único tipo de cultivo. Os folhetos são um meio de comunicação, como mencionamos, que complementam o atendimento do extensionista rural às famílias rurais, que nem sempre pode ser executado presencialmente. Por isso, esses materiais precisam apresentar informações que, muitas vezes, não são possíveis de serem tratadas nas visitas às propriedades rurais.

Outra questão observada sobre a variedade de informações no folheto *Pomar Doméstico* é o subtítulo *Valor Nutricional*, que menciona o fato de as frutas serem ricas “em vitaminas e minerais”. O objetivo desse folheto é fornecer algumas instruções a respeito do plantio de um pomar. A afirmação a respeito dos nutrientes das frutas não tem relação com o restante do folheto. O interlocutor é o agricultor familiar - trabalhador interessado no cultivo como forma de renda –, que acessa os folhetos para conhecer técnicas que proporcionem o aumento e a sustentabilidade de sua produção. Percebemos que as informações nutricionais de frutas e hortaliças seriam mais apropriadas em um folheto voltado para o consumo desses alimentos. Assim, entendemos que a estrutura composicional





dos folhetos também precisa ser recontextualizada para que eles sirvam como recurso de consulta sobre as práticas do campo.

Devemos considerar também que muitos agricultores familiares, que buscam esclarecimentos sobre algum tema, não têm habilidades para certo tipo de prática e, por isso, recorrem aos folhetos. Se esse gênero não apresenta informações suficientes e, além disso, emprega poucas estratégias linguísticas que favoreçam a acessibilidade textual, a compreensão fica limitada apenas aos agricultores que possuem mais conhecimento sobre dada prática. Dessa forma, os folhetos, que deveriam divulgar sobre as técnicas agropecuárias, passam a cumprir somente uma função ilustrativa.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos, neste artigo, algumas reflexões sobre as relações dialógicas que devem ser consideradas para a acessibilidade textual dos folhetos para agricultores familiares. Demonstramos que a acessibilidade textual só ocorre se pensarmos no interlocutor. A recontextualização dos folhetos propõe aproximar os extensionistas rurais dos agricultores familiares de forma que tenhamos uma linguagem na qual locutores e interlocutores se identifiquem.

Conforme a ADDC, os gêneros de divulgação científica se configuram como uma reelaboração ou, para usar termos dessa abordagem, ele é uma recontextualização da linguagem científica. Contudo, os folhetos, apesar de serem considerados um gênero de divulgação científica, possuem uma relação muito próxima aos textos científicos, configurando-os como pouco acessíveis para o agricultor familiar, que geralmente é um leitor de escolaridade limitada.

Podemos considerar que a complexidade dos folhetos pode estar relacionada com a vivência dos extensionistas rurais. Esses divulgadores possuem formação estritamente científica e pouca familiaridade com os gêneros de divulgação científica, visto que o acesso a esses gêneros é bastante limitado dentro das instituições acadêmicas. Além disso, o desconhecimento de tais gêneros impossibilita os extensionistas rurais de considerar a importância da





acessibilidade textual dos folhetos, pois, possivelmente, entendem que o discurso apropriado é o da ciência.

Observamos alguns aspectos que tornam o texto mais complexo. Entre eles, estão o uso de orações imperativas, a ausência de sequências narrativas e a extensão dos folhetos em relação à técnica agropecuária apresentada. Tal fator não nos possibilitou observar as formas típicas dos gêneros de divulgação científica, visto que a especificidade dos folhetos difere daquelas empregadas em textos desse gênero. Assim, esses indicativos demonstram que os folhetos para agricultores familiares precisam ser recontextualizados.

Demonstramos, através dessas reflexões, que temos contextos sociais diferentes envolvidos nos folhetos. Por se tratar de um gênero de divulgação científica, entendemos que a recontextualização desses folhetos só estará adequada a seus leitores, se os extensionistas rurais conhecerem as estratégias apropriadas para esse tipo de texto e, especialmente, considerarem o contexto do agricultor familiar. Por essa razão, pretendemos, no desenvolvimento deste artigo, considerar o agricultor familiar com base em estudos sobre compreensão leitora e, conseqüentemente, propor a recontextualização dos folhetos para que estes estejam adequados a seus leitores.

REFERÊNCIAS

- FETTER, G. L. Acessibilidade textual para agricultores familiares: análise sistêmico-funcional da terminologia. **Inventário**, Salvador, v. s/n, p. 19-34, 2018. ISSN: 1679-1347. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/inventario/article/view/23603/16453>>. Acesso em: 24 jun. 2018.
- FETTER, G. L. **Divulgação tecnológica para agricultores familiares: análise de terminologias sob a ótica da linguística sistêmico-funcional**. 2017. 535f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/177686>>. Acesso em: 24 jun. 2018.
- BAKHTIN, M. M. O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: BAKHTIN, M. M. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, p. 71-107, 2016.
- BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.





BARROS, D. L. P de. Contribuições de Bakhtin às teorias do texto e do discurso. In: FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. de (Org.). **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba: UFPR, 2007. p. 21-38.

CALSAMIGLIA, H. Anàlisi del discurs i comunicació científica. **Periodística: Revista acadêmica**, n. 11, p. 69-79, 2008. Disponível em: <<https://www.raco.cat/index.php/Periodistica/article/view/245698/328973>>. Acesso em: 30 mai. 2018.

CALSAMIGLIA, H.; CASSANY, D. Voces y conceptos en la divulgación científica. **Revista Argentina de Linguística**, n. 15, p. 173-208, 1999. Disponível em: <https://www.academia.edu/5536771/Voces_y_conceptos_en_la_divulgación_científica>. Acesso em: 6 jan. 2017.

CALSAMIGLIA, H.; VAN DIJK, T. A. Popularization Discourse and Knowledge about the Genome. **Discourse & Society**, v. 15, n. 4, p. 369-389, 2004. Disponível em: <https://www.upf.edu/pcstacademy/_docs/popularization_discourse.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2018.

CASSANY, D. Análisis de la divulgación científica: modelo teórico y estrategias divulgativas. In: CONGRESO DE LA SOCIEDAD CHILENA DE LINGÜÍSTICA: Texto, Lingüística y cultura, 14., 2003, Osorno. **Anais...** Osorno: Disponível em: <https://repositori.upf.edu/bitstream/handle/10230/22471/Cassany_textlingcult.pdf?sequence=1>. Acesso em: 6 jan. 2017.

CASSANY, D.; LÓPEZ, C.; MARTÍ, J. Divulgación del discurso científico: la transformación de redes conceptuales. Hipótesis, modelo y estrategias. **Revista Iberoamericana de Discurso y Sociedad**, v. 2, p. 73-103, 2000.

CASSANY, D.; MARTÍ, J. Estrategias divulgativas del concepto prión. **Quark**, n. 12, p. 56-66, 1998. Disponível em: <<http://www.raco.cat/index.php/Quark/article/download/54710/66413>>. Acesso em: 06 de jan. 2017.

CHARAUDEAU, P. On scientific discourse and its mediatization. **Calidoscópico**, v. 14, n. 3, p. 543-549, set/dez. 2016. Tradução de: Érica Ehlers Iracet. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2016.143.17/5818>>. Acesso em: 6 jan. 2017.

EMATER/RS. **Pomar doméstico**. Porto Alegre: EMATER/RS, 2014.

LASSEN, I. **Accessibility and Acceptability in Technical Manuals: A Survey of Style and Grammatical Metaphor**. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2003.

SOBRAL, A. U. Texto, discurso, gênero: alguns elementos teóricos e práticos. Nonada, Porto Alegre, v.1, p.9 - 29, 2010. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/5124/512451677002/>>. Acesso em: 15 mai. 2018.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

